

EROS, PHILIA E ÁGAPE NAS RELAÇÕES AFETIVAS DO PERSONAGEM BRÁS CUBAS LIDO À LUZ DO AMOR LÍQUIDO DE BAUMAN

Arionete da Luz do Rosário¹

Regina Pedrosa Pinto Polonha²

Victoria Ardigo Simões³

Luiz Rogério Camargo⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar e analisar de que forma as concepções gregas do amor: Eros, Philia e Ágape estão presentes nas relações afetivas do personagem Brás Cubas, sendo que o Eros no aspecto do amor faltante, do desejo e da atração sexual; o Philia na forma de amor filial e da amizade e o Ágape como o amor caridoso, nos aspectos relativos ao trabalho e a caridade e relacioná-los com o conceito de liquidez descrito por Bauman. A pesquisa tem como base as obras Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis e Amor Líquido, de Zygmunt Bauman. Assim sendo, a metodologia de pesquisa aplicada para o desenvolvimento do trabalho foi a pesquisa descritiva com procedimento bibliográfico. Dessa forma, ao identificar fatores como o comportamento volúvel e superficialidade do personagem, a preocupação com o status social, a moral e costumes daquela sociedade onde ele estava inserido, foi possível analisá-lo sob a ótica do conceito de amor líquido proposto por Bauman e constatar como duas obras com mais de um século de diferença de publicação podem ser tão atuais no aspecto de liquidez e da fragilidade dos vínculos formados pelos humanos. Considerando as análises propostas e realizadas nesse trabalho, concluiu-se que foi possível encontrar

¹ Aluna do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: arionete@fae.edu

² Aluna do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: regina@gmail.com

³ Aluna do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: victoria@gmail.com

⁴ Orientador da Pesquisa. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Estudos Literários pela UFPR. Especialista em Letras: Interfaces entre Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro). Graduado em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Unicentro. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Unicentro. Professor de Língua portuguesa e Literatura. *E-mail*: luisrogerio@fae.edu

as características das concepções gregas do amor – Eros, Philia e Ágape – nas relações do personagem Brás Cubas da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e relacioná-las ao conceito de liquidez do filósofo Zygmunt Bauman.

Palavras-chave: Amor Líquido. Eros. Philia. Ágape.

INTRODUÇÃO

A vida, como elemento social, está integrada a diversos aspectos comuns a toda sociedade, dentre os quais se destacam as relações humanas e seus vínculos, os quais assumem diversas formas de manifestação, como, a profissional, amizade, familiar, amor, entre outras, sendo essenciais para a interação e convivência. Desse modo, para a elaboração deste trabalho, o amor surge como tema central de estudo, tendo como objeto de pesquisa certos aspectos da obra de dois grandes escritores: Machado de Assis e Zygmunt Bauman e suas respectivas obras: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Amor Líquido*.

Machado de Assis é considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira e influenciador para outros literatos. O autor conquistou seu espaço na literatura e é o único autor brasileiro que aparece no Cânone Ocidental de Harold Bloom⁵.

A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), marcou o início do realismo no Brasil e o amadurecimento do escritor, pois os personagens passaram a ser mais elaborados e construídos com profunda densidade psicológica em relação à fase anterior, destacando-se também algumas características do autor como as críticas à sociedade, a ironia, o diálogo com o leitor e a hipocrisia. Ela tem como personagem principal Brás Cubas, o qual conta a própria história após sua morte, sendo, por isso, intitulado defunto-autor. Iniciada pelo capítulo da morte, sem seguir uma linearidade, a história trata principalmente das relações humanas, tanto de cunho moral e social, quanto afetivo. Nela, o protagonista discorre sobre seus atos e relacionamentos, expondo, assim, algumas fragilidades, volubilidades e superficialidades de si e dos outros. Sendo que essas características mencionadas anteriormente, identificadas na obra machadiana de 1881, estão presentes também nas relações atuais, e é possível relacioná-las ao conceito de *liquidez* na era moderna.

Segundo Zygmunt Bauman, filósofo e estudioso polonês, vivemos na “Era da liquidez”. Em linhas gerais, o conceito de liquidez, definido por ele, determina a incapacidade de algo em reter sua forma por muito tempo e sua propensão à mudança sob alguma influência, a exemplo do formato de alguma coisa que se adapta de acordo com as circunstâncias.

Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida

⁵ Harold Bloom lançou em 1994 a sua obra *Cânone Ocidental*, o livro elenca os escritores e obras fundamentais da literatura ocidental. Autores como Shakespeare, Joyce, Beckett, Proust, Neruda, Borges, Homero, Dante, Cervantes e Dickens estão na lista do ensaísta americano.

e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo (BAUMAN, 2004, p. 7).

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* identifica-se a liquidez em ações que tencionam moralidade e ligações afetivas amorosas. A liquidez nos relacionamentos do personagem, por sua vez, está refletida em questões de não aceitação social e moral, interesses pessoais e status social.

Como exemplo da voluptuosidade nas relações afetivas e morais é possível perceber na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que o comportamento dos personagens é determinado por forças exteriores, uma vez que se preocupam com a opinião da sociedade. Tendo em vista esse comportamento oscilante, a hipótese deste trabalho, parte do princípio de que pelo fato de o personagem apresentar um comportamento moral volúvel, é possível aproximar a visão de Machado de Assis com o conceito de liquidez de Bauman, dentre os quais o do amor líquido.

A palavra chave do conceito de Bauman sobre o amor líquido está pautada na fragilidade dos laços humanos e a dificuldade do ser humano em construir relações duradouras. Ele aponta também que há o desejo de ter esses laços, porém, de mantê-los frouxos. Segundo o autor, os laços “só precisam ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem, o que na modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes” (BAUMAN, 2004, p. 7).

Assim, o conceito de amor líquido de Bauman pode ser observado na obra de Machado de Assis a partir das relações afetivas. Conforme os gregos, o amor pode ser traduzido por Eros (em grego, é “Ἔρως”), em Philia (“φιλία”) e Ágape (“ἀγάπη”). Segundo o Dicionário de Filosofia, Eros significa o amor apaixonado, com desejo e atração sensual. Philia é definido como o amor fraterno, filial, inclui o afeto e o desejo pelo bem do outro, sentido por aquilo que já se tem e Ágape é o amor caridoso (GILES, 1993, p. 2, 46 e 62).

As três formas de amor estão presentes na obra de Machado de Assis em diferentes momentos, portanto, o trabalho se divide em três capítulos, cada um dedicado a uma das formas de amor, isto é, Eros, Philia e Ágape.

1 EROS

Na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o personagem principal, Brás Cubas transita entre a moral e a imoralidade, haja vista seu envolvimento em relações com

mulheres que praticam a prostituição e o adultério, contrariando a moralidade e os bons costumes.

A definição mais popular do amor, considerando uma relação afetiva entre duas pessoas, tem características românticas e denota a vontade de estar junto da pessoa amada para sempre, ter uma relação de respeito e reciprocidade, projetar uma união, buscar a vivência como um casal, planejar um futuro e obter conquistas pessoais em parceria, enfim, diversas situações de interesse comum dos envolvidos.

Na concepção grega, o amor tem diferentes termos, e Eros é apenas um deles. Segundo dicionário online Houaiss, a etimologia da palavra Eros em grego, é “Ἔρως” transliteração para o latim “érōs” que significa o amor apaixonado, com desejo e atração sensual (HOUAISS, 2009, p. 147).

Assim sendo, Eros denota uma forma de amor que une e que nutre desejo. Assim sendo, é possível identificar em *MPBC*⁶ esse tipo de amor nos relacionamentos que Brás Cubas teve. Inicialmente, com a personagem Marcela, o aspecto de amorosidade se apresenta como uma paixão no capítulo “XIV – Primeiro Beijo”, no qual estão expostas algumas características do rapaz de dezessete anos que foi arrebatado pela linda espanhola Marcela, apesar dele estar ciente da condição dela de cortesã, conforme se averigua na citação:

[...] Marcela não possuía a inocência rústica, e mal chegava a entender a moral do código. Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosas, impaciente, amiga do dinheiro e de rapazes (ASSIS, 2012, p. 38).

Mesmo tendo conhecimento que Marcela era uma cortesã, Brás Cubas manteve o relacionamento, pois via nela algo que não encontrava nas outras mulheres “puras”. Desse modo, identifica-se que há uma atração entre eles. De um lado, Brás Cubas se encanta com a beleza dela, e do outro, ela desperta por ele um interesse financeiro.

Assim, é possível interpretar o Eros como o desejo dele pela mulher, suas afeições e pelo prazer, ou seja, o amor carnal. Já ela, ao contrário não demonstra primeiramente um anseio carnal, mas sim um interesse pelo que ele poderia proporcionar a ela com bens materiais.

Diante do exposto, é possível afirmar que o amor existente entre os personagens tem cunho desejante de ambas as partes, e a relação “amorosa” não têm uma base sólida.

⁶ *MPBC: Memórias Póstumas de Brás Cubas.*

Em concordância com a metáfora de forma líquida utilizada por Bauman para demonstrar aspectos dos relacionamentos na modernidade, podemos aproximar essa definição com o namoro de Marcela e Brás Cubas, haja vista que existe a fragilidade, primeiramente pela condição da “dama” em não ter uma conduta aceita positivamente pela sociedade, o que foge dos padrões de comportamento. Em consequência disso cria uma dilatação nos laços que os unem, e a consciência do protagonista em saber que o “amor” teria prazo para chegar ao fim duraria enquanto ele pudesse comprá-la com presentes. Isso fica explícito quando Brás Cubas menciona que “... Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos” (ASSIS, 2012, p. 43). Dessa forma, compreende-se que o sentimento de amor entre eles era alicerçado em desejo, o de Brás, carnal, e o de Marcela meramente material, não formando de fato uma relação sólida.

Um segundo romance é narrado na obra, e ele se constitui a partir da volta de Cubas ao Brasil, quando, após oito ou nove anos, ele retorna para acompanhar os últimos momentos de vida da sua mãe. Devido ao acontecimento trágico de morte, ele se refugia em uma propriedade da família na Tijuca⁷, onde reencontra uma antiga criada da família, Dona Eusébia, e conhece a filha dela, Eugênia, bonita e meiga, mas pobre e coxa.

Em um primeiro momento, Eugênia desperta em Brás Cubas uma atração erótica, o Eros no sentido de desejo carnal, sexual.

Era isso no corpo; não era outra coisa no espírito. Ideias claras, maneiras chãs, certa graça natural, um ar de senhora, e não sei se alguma outra coisa; sim, a boca, exatamente a boca da mãe, a qual me lembrava o episódio de 1814, e então dava-me ímpetos de glosar o mesmo mote à filha... (ASSIS, 2012, p. 65)

O Eros entre os personagens é polarizado. Eugênia sente o amor romântico, que sonha em casar e viver feliz para sempre, ou até que a morte os separe. Nesse aspecto, Bauman afirma que essa configuração “está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil” (BAUMAN, 2004, p. 19). Na outra ponta, Brás Cubas aparece com um sentimento ora de satisfazer seus desejos, ora preocupado com a discrepância do nível social e o preconceito relacionado à deficiência física da jovem.

Contudo, o fator preponderante no desfecho do romance é o antagonismo fixado pela maturidade e a superioridade moral de Eugênia em oposição à hipocrisia e volubilidade de Brás Cubas, pois ele já tinha outros planos para sua vida, os quais não incluíam a jovem.

⁷ Tijuca: Bairro situado na cidade do Rio de Janeiro.

A liquidez presente nessa relação encontra-se no fato de Eugênia buscar um compromisso consistente, pautado em aspectos morais e de costumes considerados corretos pela sociedade, enquanto Brás Cubas se apresenta como um homem raso, que não pretende estreitar e firmar nenhum compromisso sólido e duradouro.

Esse aspecto do personagem Cubas em não querer criar vínculos profundos, pode ser compreendido no conceito de liquidez. Nesse sentido Zygmunt Bauman, em entrevista a revista IstoÉ (2016), ao ser perguntado sobre os relacionamentos duradouros em tempos de liquidez, explica que “Em um mundo ‘líquido’, em rápida mutação, ‘compromissos para a vida’ podem se revelar como sendo promessas que não podem ser cumpridas — deixando de serem algo valioso para virarem dificuldades” (BAUMAN, 2016, p. 8).

O último romance do personagem foi com Virgília, o seu grande amor, com ela, Brás Cubas viveu uma história longa, complexa e conturbada, revestida de traição, mentiras, medos, hipocrisia e imoralidade.

Na história, Virgília era casada com Lobo Neves. Logo, há a formação de um triângulo amoroso sustentado por ela e Brás Cubas, que passa a figurar como amante e nutre um orgulho ferido por ter perdido a distinta jovem e uma carreira política para Lobo Neves.

Brás Cubas está apaixonado e percebe que o sentimento é recíproco, pois ao analisarmos a comportamento da personagem, percebemos que esse envolvimento não lhe trará benefícios perante a sociedade, haja vista, que Brás Cubas não tem muito a lhe oferecer, e na contramão disso, ela coloca em jogo seu casamento, família, *status* social e a sua integridade moral.

O conformismo ou o conforto por viver esse caso de amor na condição de amante e o comodismo do personagem frente a isso caracterizam um exemplar genuíno de amor líquido, pois não existe um vínculo forte e a garantia de permanência de nenhuma das partes, e a isenção de obrigações endossa que os laços que os unem são extremamente frouxos, o qual Bauman, em seu conceito de liquidez aborda como “A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar e ao mesmo tempo mantê-los frouxos” (BAUMAN, 2004, p. 8).

Em suma, as relações amorosas entre os personagens Brás Cubas, Marcela, Eugênia e Virgília apresentam características semelhantes entre si, porquanto nenhuma está sustentada por uma base moral e sólida. Além disso, questões morais como a prostituição e o adultério são exploradas, assim como a persistente busca pelo elevado status social como forma de estar inserido em um grupo distinto.

Assim sendo, a liquidez baumaniana presente nesses relacionamentos se evidencia na forma despreocupada do protagonista, bem como na postura de Marcela e Virgília em não estreitarem os laços afetivos, contribuindo para a fragilidade da união e conseqüentemente para a ruptura dela, oportunizando, assim, a busca de outro envolvimento com uma rapidez e descomprometimento característicos do amor líquido.

2 PHILIA

Na tentativa de ilustrar a existência dos três tipos de amor, de acordo com o *Dicionário de Termos Filosóficos* (1993), a presente divisão de pesquisa tem como objetivo comprovar a presença do amor filial – ou *Philia* – de acordo com as definições de amizade por Marco Túlio em *Cícero*, das relações interpersonagens em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* analisadas por Roberto Schwarz em *Um mestre na periferia do Capitalismo: Machado de Assis*, e do autor Zygmunt Bauman, por meio da teoria da liquidez afetiva em *Amor líquido e Modernidade líquida*.

Primeiramente, há a necessidade da definição do que compete o termo *Philia*, que, de acordo com o filósofo Aristóteles,

Há, assim, três espécies de amizade, iguais em número às coisas que são estimáveis; pois com respeito a cada uma delas existe um amor mútuo e conhecido, e os que se amam desejam-se bem a respeito daquilo por que se amam (ARISTÓTELES, 1984, p. 181).

Ainda segundo Raul Marino Jr,

Um segundo tipo de amor que representa a AMIZADE era chamado de PHILIA, e denotava um forte vínculo entre pessoas que compartilham um interesse comum, atividade ou ocupação. Seria mais do que um simples companheirismo, parecendo ser o menos natural dos amores, isto é, não seria biologicamente necessário para a descendência ou reprodução como storge ou afeição, sem qualquer relação com o impulso da emoção (MARINO, 2015, p. 25).

A partir das definições filosóficas, há as considerações de Marco Túlio em *Cícero: Sobre a amizade*, no qual descreve uma conversa entre Cícero, Caio Fânio, Quinto Múcio Cévola e Caio Lélio, na qual debatem as definições de amizade, conforme segue:

A amizade nada mais é, com efeito, que um entendimento perfeito em todas as coisas, divinas e humanas, acompanhado de generosidade e afeição mútuas, e, tirante a sabedoria, não creio que os deuses imortais tenham dado do homem algo melhor do que ela (CÍCERO, 2006, p. 35).

Segundo essa perspectiva, a amizade, antes de tudo, é um espelho dos que se amigam, na qual encontram similaridades que permitem aos homens o enxergar-se em outro, transferindo a visão unilateral humana para outro ponto de vista.

No entanto, ao analisarmos a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, podemos diferenciar esses ideais representados pelo autor dos aristotélicos, a princípio, pela recusa de Machado de Assis em retratar este homem idealizado, dando lugar ao homem realista, desapegado de sentimentos, que não mantém laços afetivos como suporte emocional, mas os mantém por conveniência. Esse homem oportunista parte de uma sociedade na qual há a idealização dos valores morais e éticos, mas se insere como um novo modelo de personagem, que antevê o comportamento e o pensamento do ser social.

Na análise da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o conceito de amizade pode partir, primeiramente, da relação familiar de Brás Cubas, na qual os pais não possuíam interesses materiais no futuro acadêmico ou profissional do menino, mas alimentavam um sentimento de orgulho e companheirismo pelo filho: “Meu pai respondia a todos que eu seria o que Deus quisesse; e alçava-me no ar, como se intentasse mostrar-me à cidade e ao mundo; perguntava a todos se eu me parecia com ele, se era inteligente e bonito...” (ASSIS, 1997, p. 32). Em relação à mãe, Brás Cubas afirma: “Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que orações, me governavam os nervos e o sangue, e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tornar vã fórmula” (ASSIS, 1997, p.34).

A irmã Sabina e seu marido Cotrim exemplificam claramente a ideia de amizade com o personagem Brás Cubas, embora tenham tido uma briga posterior. A irmã preocupa-se com Brás após a perda familiar: “Sabina desejava que eu fosse morar com ela algum tempo, duas semanas, ao menos; meu cunhado esteve a ponto de levar-me à fina força. Era um bom rapaz esse Cotrim” (ASSIS, 1997, p. 64). No entanto, a partir do momento em que há a partilha dos bens deixados pela mãe, Brás Cubas constata que, embora já tivesse ouvido os boatos de que Cotrim era avaro, o cunhado tinha certos egoísmos materiais, como na avaliação do valor da casa, da divisão dos escravos e da prataria, da qual não abria mão.

Não menos importante, temos a figura de Quincas Borba - cujo nome dá título à outra obra machadiana publicada em 1891, o célebre amigo de infância cheio de graciosidade, pelo qual Brás tinha certa admiração. Quincas Borba é o personagem que mais se assemelha ao conceito de amizade na vida de Brás Cubas: na infância, é o amigo fiel de escola, companheiro de travessuras, até que passam anos sem se ver e retomam a amizade, sob outras circunstâncias, na vida adulta.

Outro círculo de amizade retratado na obra começa com um interesse mútuo entre três pessoas, a saber: Brás Cubas, Virgília e Dona Plácida, sendo as duas primeiras necessitadas de ‘disciplina’, acomodação para se encontrarem e um alibi, enquanto a outra possuía necessidades materiais e afetivas. Dona Plácida surge, antes de qualquer coisa, como um porto seguro no relacionamento extraconjugal de Virgília e Brás Cubas. Devido a certo “falso moralismo”, a senhora reluta em dar-lhes auxílio, mas acaba cedendo devido a pobreza.

De acordo com Roberto Schwarz, crítico literário e professor de Teoria Literária, responsável pela análise *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* formulada sob a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, afirma que as relações sociais de Brás Cubas são completas conforme o desenrolar da história e tem cada uma, seu valor na formação do caráter do personagem.

Sendo assim, Brás Cubas é visto de formas diferentes pelos personagens com os quais mantém relações durante o desenrolar da história: para Prudêncio, o escravo que tivera na infância, é um exemplo de caráter (tanto que, ao crescer, Prudêncio perpetua os maus tratos que sofrera em outro escravo); para Dona Plácida, é alguém que lhe assegura uma necessidade (nesse caso, ajuda financeira), ou seja, alguém que a protege; para Quincas, é o amigo fiel e ouvinte; para a irmã, é o irmão carinhoso; para o cunhado, é o parente compreensivo. A amizade, nesses casos, é relativa aos interesses de cada um dos envolvidos.

É possível afirmar que, após a leitura da obra, podemos considerar o leitor como o principal amigo de Brás Cubas, pois é o único com quem fala abertamente sobre a história, sobre seus pensamentos, expõe seus monólogos e, acima de tudo, assume seu mau caráter de acordo com as circunstâncias.

Portanto, a relação estabelecida entre o sujeito retratado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e o conceito de liquidez proposto por Zygmunt Bauman é a caracterização desse conceito em uma personagem literária pela retratação de uma figura que não se encaixa nos padrões morais e sociais da época (mesmo que este homem só exista na teoria).

O termo ‘volubilidade’ ilustra perfeitamente a relação entre homem e conveniência, considerando a motivação do personagem mediante as diferentes situações, nas quais pode obter lucro ou vantagem sobre outros, assim como o mantimento de um status que posiciona o sujeito em um determinado lugar na escala social.

De acordo com Bauman, as relações familiares são abstratas e inerentes ao sujeito, que pode conferir a elas (ou não) o caráter afetivo: “[...] o parentesco é, pura e simplesmente, quer se queira ou não, uma coisa dada [...] A escolha é o fator qualificante:

ela transforma o parentesco em afinidade” (BAUMAN, 2004, p. 45). Por essa vertente, consideremos o autor alguém que escolhe seu parentesco (além da família, é claro) pelas relações de conveniência que estabelece com eles, como Dona Plácida e Quincas, sendo este último privilegiado por representar um espectro da infância do personagem, que pode significar, também, um apego emocional ao passado, à fragilidade da vida e à idealização do futuro.

Em suma, Brás Cubas é um reflexo fiel da criação que tivera, ressaltando pontos de cada um que o cercava durante a infância (salvo pai e mãe) – traços ilustrados explicitamente na figura do autor/personagem/narrador.

3 ÁGAPE

Em relação ao amor ágape, no sentido de amor caridoso, a análise foi feita no sentido de verificar se o personagem Brás Cubas, que viveu na era moderna, praticava ou não esse tipo de amor, em suas ações relativas ao trabalho e compará-los à teoria de liquidez de Bauman.

Essa análise foi possível por Machado de Assis (1839-1908), autor da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ter sido um escritor muito à frente de seu tempo, levando a opinião pública a dizer que ele talvez seja mais compreendido pelo leitor de hoje do que por seus contemporâneos. Preocupava-se e era um crítico mordaz do comportamento da sociedade brasileira, descrevendo-o com pessimismo, senso de humor e a fina ironia que lhe eram peculiares, principalmente nessa obra, onde ele se intitula um autor defunto.

Zygmunt Bauman (1927-2017) foi um sociólogo, pensador, professor e escritor polonês, uma das vozes mais críticas da sociedade contemporânea, tendo, a exemplo de Machado, o senso de humor e pessimismo como suas características de análise em relação à sociedade.

O trabalho, no sentido de fazer algo útil, no pensamento cristão, é considerado como caridade de Deus para com os homens e possibilita a estes serem deuses, co-criadores do universo.

Segundo Nicolas Abbagnano (2007, p. 40-41) com o advento do Cristianismo a noção de Amor Ágape sofre uma transformação, passou a ser entendido como um tipo de relação que deve se estender ao “próximo” e tinha como proposta criar uma comunidade que ainda não existia, mas que futuramente deveria irmanar todos os homens no reino de Deus.

Para Bauman (2000, p. 164-209), o trabalho foi interpretado, ao longo da história, de diversas maneiras. Foram-lhe atribuídas muitas virtudes e efeitos benéficos como: o aumento da riqueza, a eliminação da miséria e sua suposta contribuição para o estabelecimento da ordem social. Na modernidade sólida ocorreu o entrelaçamento entre capital e trabalho, entre as pessoas que o vendem e as que o compram e este tornou-se sinônimo de emprego, o qual na modernidade líquida, vem sofrendo profundas transformações, está saturado de incertezas e o desemprego nos

humanidade, sendo considerado uma dádiva, uma caridade divina para o homem. É mediante o trabalho que se adquire liberdade, soberania, dignidade.

Na bíblia cristã dentre as várias citações ao trabalho, destacam-se de que Deus trabalhou para criar os céus e a terra e Jesus Cristo disse: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (JOÃO 5:17).

Machado de Assis, a respeito de trabalho, trata essa questão social de maneira atualizadíssima. O seu personagem Brás Cubas vive o dilema entre labuta, ociosidade e dificuldade de se conseguir emprego, fatos com os quais convivemos na atualidade e abordados por Bauman.

Cubas entende que o trabalho tem efeito regenerador e pode trazer felicidade e proporcionar uma vida digna ao homem, conforme demonstra no Capítulo 59 – “Um Encontro”, no qual relata seu encontro com um mendigo, reconhece-o como sendo o Quincas Borba, seu amigo de infância e lhe doa uma nota de cinco mil réis. Diante da recepção festiva e cobiçosa, Cubas lhe oferece a opção de trabalho que é recusada e descreve a cena da seguinte maneira: “Fez um gesto de desdém; calou-se alguns instantes; depois disse-me positivamente que não queria trabalhar. Eu estava enjoado dessa abjeção tão cômica e tão triste, e preparei-me para sair” (ASSIS, 2001, p. 158)

Brás Cubas, apesar de não trabalhar na maior parte da história, reconhece que o trabalho pode proporcionar às pessoas uma vida digna, livrando-as da mendicância e de atos ilícitos, pois Borba ao despedir-se do amigo com um abraço aproveita-se da oportunidade e rouba o relógio, levando Cubas a seguinte reflexão: “A necessidade de o regenerar, de o trazer ao trabalho e ao respeito de sua pessoa enchia-me o coração; eu começava a sentir um bem-estar, uma elevação, uma admiração de mim próprio” (ASSIS, 2001, p. 158)

Contudo, essa atitude, ainda que inconsciente, pode estar voltada a se livrar de futuramente ter que dar mais esmolas a Borba, pois Cubas conhecia o fracasso na empreitada de fazer algo, conforme relata no capítulo 2 “O Emplasto” (p. 71), quando tentou inventar um “medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade” (ASSIS, 2001, p. 71), levaria o seu nome

“Emplasto Brás Cubas”. Este transformou-se em ideia fixa e foi a causa de sua morte conforme o narrador relata “Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade” (ASSIS, 2001, p. 70).

Além do emplasto, Cubas tenta entrar para a política e ser ministro e depois de morto ele continua trabalhando, escreve o livro com suas memórias, objeto dessa monografia. A esse respeito ele diz: “A obra em si mesma é tudo: se te agrada, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agrada, pago-te com um piparote, e adeus” (ASSIS, 2001, p. 67).

Analisa o trabalho denominado de “Humanitismo”, desenvolvido por Quincas Borba. Tratava-se de “um sistema destinado a arruinar todos os demais sistemas” (ASSIS, 2001, p. 216) e apregoava, entre outras, que “existia uma única desgraça: a de não nascer”, e “o homem precisava lutar, ser forte, vencer, influir e dominar” (ASSIS, 2001, p. 216-219 e 233), tendo deixado Cubas estupefato, orgulhoso e motivado a vencer na política. Contudo, quando entende que a filosofia em questão contrariou a prática se revolta e a desconsidera (ASSIS, 2001, p. 235-236).

Cubas entendia que mediante o trabalho, a pessoa adquire também o respeito da sociedade, sucesso e fortuna. Brás Cubas elege os personagens Lobo Neves e Cotrim para esses papéis na história. Lobo Neves, comparado a uma águia, fez carreira na política; foi deputado, presidente de província, indicado para ministro, rico e casado com a mulher que ele queria para si. Enquanto Cotrim, seu cunhado, apesar de não ser rico tinha uma situação financeira estável e era respeitado pela sociedade; contudo, Cubas tinha desprezo por Cotrim, “[...] Agora comerciava em gêneros de estiva, labutava de manhã até à noite, com ardor, com perseverança [...]” (ASSIS, 2001, p. 116).

Brás Cubas, representa as pessoas que não tem uma ocupação remunerada regularmente. Porém, por ser rico não precisava trabalhar para seu sustento. O personagem não trabalhava ou estudava o suficiente para alcançar o posto de ministro, o qual ambicionava, e relata com ironia o esforço das pessoas e seu próprio para alcançar um emprego ou outra coisa que almejasse, por exemplo, quando se refere a sua diplomação. “No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso” (ASSIS, 2001, p. 110)

Dessa forma, Machado de Assis, na sociedade moderna, assim como Bauman, na modernidade líquida, apesar de concordarem que o trabalho é fundamental para a manutenção da dignidade humana, partilham da mesma visão negativista em relação ao trabalho. Entendem que raramente se espera que “alguém seja admirado, elogiado e reconhecido pelo trabalho e que este enobreça, fazendo das pessoas que o realizam seres humanos melhores” (BAUMAN, 2001, p. 176)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as análises propostas e realizadas nesse trabalho, conclui-se que foi possível encontrar as características das concepções gregas do amor – Eros, Philia e Ágape – nas relações do personagem Brás Cubas da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e relacioná-las ao conceito de liquidez do filósofo Zygmunt Bauman.

No capítulo “I – Eros”, podemos observar a forma rasa, descompromissada e interesseira de agir do personagem nos seus relacionamentos amorosos, além de ponderar questões como a condição social, estética e física das suas interessadas. Contudo, ressalta-se que o protagonista relacionava-se com elas, porém, não havia uma profundidade afetiva.

Justamente a ausência do comprometimento, a superficialidade e as diversas motivações consideradas pelo personagem, nos permitiu analisá-las sob a ótica do conceito de amor líquido proposto por Bauman, o qual afirma que na era em que vivemos precisamos criar laços, mas ao mesmo tempo, temos a necessidade de mantê-los frouxos. O filósofo também menciona que “se você deseja ‘relacionar-se’, mantenha distância; se quer usufruir do convívio, não assuma nem exija compromissos. Deixe todas as portas sempre abertas” (BAUMAN, 2004, p. 11). Portanto, sob esse viés, identificou-se que a visão de Bauman em relação ao amor pode ser sumariamente observada nas ações do personagem Brás Cubas da obra de Machado de Assis.

Em relação ao conceito de *Philia*, ou amor fraternal, destaca-se a presença da temática ‘amizade’ na retratação da vida do personagem Brás Cubas, entretanto, o conceito é enviesado pela ideia de utilidade, principalmente ao considerarmos as circunstâncias pelas quais essas relações ocorrem.

Ao pensarmos no quesito ‘família’, observamos que, como consequência de uma criação não condizente com princípios austeros, o personagem Brás Cubas é inerente a questões emocionais, como na relação com o pai, a mãe e a irmã. As figuras paternas são apenas pilares nos quais o personagem se escora até a vida adulta, dependendo financeiramente dos dois, mas não emocionalmente (tanto que se desentende com a irmã por questões materiais de um inventário).

No âmbito social, as amigadas de Brás Cubas, salvo Quincas Borba, pelo qual há algum resquício de companheirismo, são caracterizadas por uma relação de utilidade: precisa de Dona Plácida como um álibi, até a partida de Virgília; sente carinho pela irmã, até que surge a questão da divisão do inventário, assim como lhe agrada o cunhado, até que este se opõe a divisão proposta por Brás Cubas; e assim por diante. Conclui-se que há relação entre o conceito de liquidez proposto por Zygmunt Bauman, por meio

da crítica às relações afetivas modernas, e entre o ser social retratado por Machado de Assis, que não serve ao próximo por amor, apenas por conveniência, notoriedade e interesse.

Quanto ao Amor Ágape este foi analisado sob o viés de amor caridoso e dos aspectos relacionados ao trabalho e à caridade.

Machado de Assis e Zygmunt Bauman abordam ambas as situações de maneiras semelhantes, graças àquele ter sido um escritor muito à frente do seu tempo e a este pela compreensão da evolução da humanidade e os desafios da era contemporânea, a qual prefere denominar de modernidade líquida.

Verificou-se que as pessoas continuam a buscar no trabalho, o qual adquiriu a sinonímia de emprego, a sua sustentabilidade, segurança e manutenção da dignidade. Contudo, o trabalho também está se tornando líquido e as dificuldades relatadas por Machado são idênticas às relatadas por Bauman, gerando na sociedade a sensação de incerteza e desamparo, comprometendo, em parte, a evolução nas relações pessoais, principalmente, no que se refere ao amor caridoso.

A exemplo de Brás Cubas, várias são as pessoas que praticam a caridade por uma questão de apaziguar a consciência e as entidades públicas para serem vencedoras no pleito eletivo. Porém, segundo Bauman, isso não é caridade, é esmola, a qual é algo cruel, pois humilha, ultraja, abala a dignidade e compromete a individualidade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: M. Fontes, 2007.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ateliê, 2001.
- _____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Escala Educacional, 2012.
- BAUMAN, Zygmund. “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”. [Entrevista cedida a Adriana Prado. **IstoÉ**, n. 2617, mar. 2016. Disponível em: <https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+>. Acesso em: 25 out. 2018.
- _____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Trad. de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corrigida no Brasil. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. 8. tir. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Sobre a amizade**. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.
- BARROS FILHO, Clóvis de. **Três definições de amor**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vbnkdTjFv_E>. Acesso em 18 out. 2018.
- GILES, Thomas Ranson. **Dicionário de Filosofia**: termos e filósofos. São Paulo: Epu, 1993.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Machado de Assis, o escritor que nos lê**. São Paulo: Unesp, 2017.
- MARINO, Raul Jr. **Ensaio sobre o amor**: do Eros carnal ao sublime Ágape. São Paulo: Companhia das letras; Editora Nacional, 2011.
- SANTOS, Antônio Raimundo dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 2004.
- SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.